

OUTRO ANO bom de vendas

LUÍS OSVALDO GROSSMANN
E VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

A despeito da valorização do real — e de problemas estruturais, como os transportes — as exportações brasileiras continuarão fortes em 2006. O ritmo de crescimento, porém, não deve repetir o desempenho acima de 20% como neste ano. Ainda assim, a perspectiva é de mais um robusto superávit comercial, próximo dos US\$ 40 bilhões. As exportações, a depender da avaliação, devem ficar entre US\$ 120 bilhões e US\$ 130 bilhões.

O fato é que a demanda mundial continuará aquecida, impulsionando os exportadores, como espera o Comitê de Política Monetária (Copom), segundo a ata da última reunião de 2005. “A recuperação do ritmo de criação de emprego e de expansão da demanda doméstica nos Estados Unidos, a continuidade da melhoria das condições econômicas gerais no Japão, bem como os sinais de manutenção da expansão dos investimentos na Europa e a robustez do crescimento econômico na China são sinais positivos quanto à possibilidade da manutenção, em nível elevado, da expansão da atividade econômica mundial em 2006”, previu o Banco Central.

Bom sinal para os preços internacionais, uma vez que foram os preços favoráveis que responderam por 51% da alta das exportações brasileiras deste ano. Especialmente setores como mineração, carnes e sucos foram capazes de compensar a apreciação cambial com maiores preços internacionais. E o forte crescimento da China leva o país a ser responsável por parte significativa do consumo da maioria das matérias-primas.

“Com preço bom, qualquer que seja a taxa de câmbio haverá exportação, porque é uma questão de rentabilidade e não de competitividade”, afirma o vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro. Ele acredita que em 2006 as exportações poderão se manter ou até mesmo crescer por conta do bom desempenho das commodities. Só o minério de ferro, um dos principais produtos exportados do Brasil para a China, deve ter o preço corrigido entre 10% e 15% sobre os valores praticados em 2005 — e vale lembrar que este ano o ferro já subiu 71%.

Isso não ofusca o bom desempenho dos produtos manufaturados, de maior valor agregado, na pauta de exportações brasileiras. A balança comercial do país deve fechar 2005 com cerca de 54% da pauta em mercadorias industrializadas. “Nos manufaturados, o câmbio é mais um fator de competitividade do que de rentabilidade, já que quem faz o preço é o comprador”, explica Castro, da AEB. Cerca de 61% do aumento total das exportações brasileiras entre 2004 e 2005 foi puxado pelos manufaturados.

Desânimo

Curiosamente, é do próprio governo que surgem análises menos otimistas. Crítico da valorização do real, o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, aponta que cerca de mil empresas estão deixando o mercado internacional. “A nossa preocupação é que já existem empresas e setores que estão perdendo o ânimo, embora os números da exportação e da balança comercial continuem ainda positivos”, disse.

Segundo ele, mesmo que o valor exportado aumente em reais, haverá queda da produção física. Por isso, Furlan preferiu manter a meta de exportações em US\$ 120 bilhões para 2006, pouco acima dos US\$ 117 bilhões previstos para este ano. “É um risco que estamos correndo de ter um crescimento módico do comércio exterior brasileiro no ano que vem e talvez perder uma oportunidade de manter um ritmo quente na exportação brasileira”, avaliou o ministro.

Um impulso extra às exportações brasileiras depende do avanço nas negociações no âmbito da Organização Mundial do Comércio. A rodada atual de acordos, que deveria privilegiar o comércio de produtos agrícolas, não tem sido muito promissora, especialmente pela resistência dos Estados Unidos e da União Europeia a abrirem mais seus mercados e reduzirem subsídios que distorcem o mercado internacional. As negociações recomeçam em janeiro, com foco no prazo de 30 de abril do próximo ano para a conclusão dos acordos comerciais. Um estudo do Banco Mundial prevê que o Brasil poderia ganhar US\$ 10 bilhões por ano até 2015 com a eliminação de subsídios e outras barreiras comerciais.

EXPORTAÇÕES POR SETOR

O setor automobilístico vai comandar as vendas do país no mercado internacional

	2004	2005*	2006*
Em US\$ bilhões			
Aviões	3,3	2,8	3,0
Têxteis	2,1	2,1	2,1
Máquinas e equipamentos	5,6	8,0	8,0
Calçados	1,9	1,8	1,7
Siderurgia	4,1	6,6	7,5
Mineração	4,8	6,8	9,4
Soja (complexo)	10,0	9,2	10,1
Açúcar e álcool	3,1	4,3	4,7
Carne bovina	2,5	3,0	3,5
Carne de frango	2,6	3,5	4,6
Celulose	1,7	3,4	3,4
Petróleo e derivados	5,7	8,3	9,8
Automóveis	6,2	10,9	10,9
Autopeças	3,3	7,2	7,2
Demais	39,5	40,0	36,3
Total	96,5	118,0	124,0